MINISTÉRIO
DA DEFESA

BRASIL
GOVERNO FEDERAL

BRASIL NO HAITI, UM CASO DE SUCESSO

Palavras do Ministro de Estado da Defesa, Raul Jungmann,
na abertura do Simpósio Internacional "Brasil no Haiti, um caso de sucesso"

Brasília, 18 de outubro de 2017

É uma grande satisfação abrir este Simpósio Internacional, na honrosa presença do General Villas Bôas, bem como de ex-Force Commanders da MINUSTAH e especialistas brasileiros e estrangeiros.

Há treze anos, o Brasil tomou a importante decisão de aceitar o convite da ONU para liderar o componente militar da Missão de Estabilização no Haiti. Nós demos um grande salto em termos de envolvimento nessa missão de paz do Haiti.

E, de fato, era um risco a nossa participação na missão. Para ter-se uma ideia da magnitude desse risco, a MINUSTAH envolveu o maior contingente brasileiro desde a Segunda Guerra Mundial: aproximadamente 36 mil militares por lá passaram, e 26 contingentes foram desdobrados no Haiti.

E hoje nós podemos dizer que concluímos nossa participação, sem a menor sombra de dúvida, sob a égide do sucesso. Sob a égide do reconhecimento. E não falo apenas do reconhecimento em termos da opinião pública brasileira. Falo do reconhecimento em termos da opinião pública mundial e, particularmente, dos órgãos da própria ONU.

Isso resulta do profissionalismo, da competência, do compromisso e da cultura das nossas Forças Armadas. Afinal de contas, durante esses 13 anos nós fomos profundamente testados.

Os que estão aqui presentes e que por lá passaram sabem que não foi fácil, sobretudo o período inicial, e mesmo mais adiante, quando tivemos que enfrentar violência e situações muito complexas. As gangues que lá existiam, em Cité Soleil e em muitos outros lugares, eram um grande desafio para uma força de paz.

Ao mesmo tempo em que tínhamos que promover uma estabilização em termos políticos, o então presidente, Jean-Bertrand Aristide, vivia uma situação não exatamente de desgoverno, mas de crise governamental com possibilidade de que o quadro se transformasse, efetivamente, em uma guerra civil.

Além disso, nós fomos também desafiados por forças da natureza que surpreenderam o país. Tivemos que lidar, em 2010, com aquele terremoto. Foi a primeira vez que eu fui ao Haiti. As cenas foram tão terríveis, e eu me lembro de que uma das decisões do governo foi de que os cadáveres expostos na rua deveriam ser jogados em valas coletivas e carbonizados, pelo risco que havia de uma grande pandemia.

Eu particularmente me lembro daquele cenário, Comandante Villas Bôas, como o cenário mais próximo que se possa imaginar de uma guerra total, tal era o grau de destruição, e nós

perdemos, se não me engano, 17 militares nossos por conta desse evento, em um total de 25 que nós perdemos ao longo desses 13 anos.

Mas, entretanto, é preciso dizer que nós resistimos. E Resistimos devido ao profissionalismo, à competência e à cultura de nossas Forças Armadas.

Esse aspecto da cultura é especialmente importante. Quando eu vinha para cá, li uma reportagem dizendo que, na Segunda Guerra Mundial, nossas tropas usaram a música como um elemento para comunicação e vinculação com a sociedade. E fizemos o mesmo no Haiti.

Trata-se da nossa cultura. Nós somos e sempre fomos, historicamente, um país globalizado. Aqui estão árabes, aqui estão judeus, aqui estão italianos, aqui estão russos, aqui estão espanhóis, todos convivem. E isso faz parte, exatamente, de um traço da nossa cultura que aprimoramos e levamos para fora por meio de nossas Forças Armadas.

Lembro-me com muita emoção de quando estive na Itália refazendo o itinerário das nossas tropas na libertação da Itália, durante a Segunda Guerra, 70 anos depois, e percebi que os brasileiros ainda estão presentes lá, na memória e no carinho da população. Como estaremos presentes, muitos e muitos anos depois, no Haiti.

E isso porque nós, ao não levarmos daqui, na nossa matriz cultural, a intolerância, ao não levarmos as fragmentações de motivações éticas, religiosas, ou outras tantas mais, nós fomos capazes de dialogar com todos aqueles 14 países sob nossa coordenação no Haiti, e o fizemos muito bem.

Isso representou também, evidentemente, um imenso laboratório de trabalho que, sem sombra de dúvida, tem acrescido capacidades e qualidade às nossas Forças Armadas. Há, inclusive, análises relacionando a estratégia das UPPs, no Rio de Janeiro, com lições que foram retiradas da nossa passagem pelo Haiti.

Então, é evidente que tudo isso é um enorme acervo que nós temos. E esse acervo é acrescido hoje pelo fato de que a nossa passagem pelo Haiti, justamente por ter sido uma passagem perigosa, nos colocou no mais alto nível das discussões sobre missões de paz em todo o mundo.

É verdade que, hoje, o sistema ONU passa por uma situação muito difícil. Há uma situação muito significativa de cortes orçamentários. Houve o encerramento da missão no Haiti, embora o país tenha atualmente um governo democrático. Em que pesem as suas vicissitudes e mazelas, nós também as temos. Inclusive, nunca deixou de fazer parte do pensamento brasileiro sobre missões de paz a preocupação com o desenvolvimento. Nós realizamos lá diversas obras, sem falar em tudo que nós fizemos em termos humanitários.

Daí resulta que esse sistema hoje vive um ataque. E, infelizmente, esse ataque é, em grande medida, coordenado pelo país líder que nós temos em nossa ordem. Sobretudo em nome do multilateralismo, que é um dos princípios de nossa Constituição, de nossa atuação diplomática e de nossa participação em missões de paz, assim como o da solução pacífica dos conflitos e assim por diante, nós temos que procurar nos contrapor a esse movimento.

Porque o mundo precisa não de menos, mas de mais operações de paz. E eu acredito, embora esse seja em presságio que eu não tenha nenhum interesse em compartilhar, mas, infelizmente, acho que o mundo caminha para novos e mais conflitos, como se os que aí estão já não fossem suficientes.

Esse acervo que nós conquistamos, não apenas no Haiti, mas também em outras operações de paz de que participamos, é fundamental para o preparo e para as capacidades desenvolvidas

pelas nossas Forças Armadas. Inclusive porque nós estamos a viver dias realmente preocupantes em termos de nosso próprio subcontinente.

Nosso subcontinente hoje nos traz motivos de preocupação e, ao lado da diplomacia, da busca por soluções pacíficas, do respeito à soberania e ao multilateralismo, que estão inscritos na nossa Constituição, é sem sombra de dúvida muito importante que nós tenhamos também essas capacidades.

Temos que louvar a iniciativa desse seminário e esperar que essa experiência que trouxemos do Haiti venha, e virá, a ser reproduzida futuramente em outros lugares. Nós recebemos convites do Departamento de Missões de Paz da ONU, o DPKO, para nos engajarmos em diversas alternativas de missões de paz ao redor do mundo.

Muito provavelmente, embora isso ainda esteja sendo levado à decisão superior, diante do cenário e da análise de política que tem sido realizada no âmbito das Forças e do Ministério da Defesa, essa escolha deve recair sobre a República Centro-Africana. Mas ainda não é uma decisão, por enquanto é uma análise.

E eu comentava recentemente com o Comandante Villas Bôas que isso, evidentemente, eleva o sarrafo da nossa presença em vários planos. Primeiro, porque é, de fato, uma situação mais complexa do que aquela que enfrentamos no Haiti, em que pesem os desafios iniciais que encontramos lá, que foram também extremamente complexos. Recordo-me do episódio que me foi narrado em que houve um cerco ao Palácio Presidencial e as tropas, instadas por outras instâncias a reagirem com violência, tiveram a capacidade e o profissionalismo de não reagirem de forma violenta, utilizando-se de meios não letais para não permitir que o pior acontecesse. Esse foi um episódio, entre tantos outros.

Voltando à República Centro-Africana, a situação do país oferece problemas logísticos, como também a do Haiti, mas oferece também problemas decorrentes de sua própria situação geográfica. Trata-se de um país que está no centro de uma situação extremamente portentosa entre os dois países que são limítrofes.

Os senhores sabem que, hoje, infelizmente, sobretudo na zona do Sahel e no norte da África, nós temos graves problemas. Problemas que nos levam, em certa medida, a ter missões de paz com esse caráter de projeção. A missão deve ser, evidentemente, em nome da paz. Mas, hoje, aquela região oferece à Europa uma das grandes pressões com a qual o velho continente convive hoje, que é o problema da imigração.

A desestruturação de sociedades na África gera uma enorme pressão, gera conflitos, gera terrorismo, e essas são hoje prioridades para a Europa. Recentemente, eu tive uma bilateral com a Ministra da Defesa da França, e ela me disse que a grande prioridade francesa – não posso dizer da Europa como um todo, mas francesa –, não está mais no leste, onde está a raiz do Pacto de Varsóvia e dos riscos que existiam à época da União Soviética e que levaram à criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Ela dizia que essa prioridade, hoje, está justamente ao sul, por conta da pressão imigratória do continente africano.

E esse nosso papel na República Centro-Africana nos projetará importantemente dentro desse cenário. Então, além de ser um desafio por si só, e para o qual eu acho, sinceramente, que nós estamos prontos, baseados no profissionalismo e na competência das nossas Forças, evidentemente que ele também nos trará, dentro do tabuleiro de xadrez global, uma projeção importante em termos de testar a capacidade do Brasil em um ambiente extremamente importante. Não podemos nos esquecer disso.

No Haiti, nós fomos laureados com o reconhecimento não apenas do DPKO, mas de todo o Sistema ONU. E isso é fruto, indubitavelmente, da capacidade e do profissionalismo das nossas Forças Armadas.

Recentemente também eu estava participando da Operação Felino, que reúne as forças armadas dos países da CPLP. Eu conversava, à mesa, como o Chefe do Estado-Maior português depois de ver os exercícios realizados no terreno e ele dizia em viva voz: "Os senhores não deixam nada a dever aos países europeus. Os senhores têm doutrina, formação e equipamento.". Então, que fique claro, e eu digo isso com muito orgulho, que as nossas Forças Armadas estão entre as melhores do mundo. Talvez não tenhamos a grande gama de recursos financeiros que os países mais desenvolvidos evidentemente têm. Mas em termos de capacitação e formação nós temos, sim, uma das melhores forças do mundo.

Isso ficou patente no caso do Haiti e, não tenho a menor sombra de dúvida, ficará provado também em outras missões de paz que são essenciais para um país como o Brasil, que acredita no multilateralismo, nas soluções pacíficas e no respeito à soberania.

Por isso tudo, os meus parabéns, a minha homenagem e o meu reconhecimento a todos aqueles que no próximo dia 21 serão recebidos no Rio de Janeiro, o último contingente que está vindo, que nós receberemos com muita alegria e com muito orgulho. Nossas forças tiveram um papel simplesmente excepcional.

Eu senti também o mesmo orgulho quando visitei a UNIFIL, no Líbano, onde nós comandamos a única Força-Tarefa Marítima do mundo há cinco anos, coordenando 14 países. Os senhores não têm ideia da emoção do que eu vi quando nós fizemos a cerimônia, dentro da fragata Liberal, que lá se encontrava, naquele mar Mediterrâneo que é a bacia onde nasceram todas as civilizações. Todas as grandes religiões nasceram lá. E uma fragata nossa, com a bandeira hasteada no pavilhão nacional e as nossas Forças representadas através da Marinha do Brasil, desempenha lá um papel excepcional e é extremamente reconhecida.

É assim que nós vamos, cada vez mais, conquistando o respeito, a distinção e o espaço, através do profissionalismo, da capacidade e da cultura das nossas Forças Armadas, das quais eu tenho imenso orgulho.

Muitíssimo obrigado!